



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

XAXADO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE RESSIGNIFICAÇÕES DO POPULAR NO AMBIENTE EDUCATIVO

Carlos Cleiton Evangelista Gonçalves

Universidade Federal da Paraíba – ccetriunfo@gmail.com

Resumo: Este artigo trata de uma pesquisa em andamento no mestrado em Artes da Universidade Federal da Paraíba, que tem como objetivo compreender as significações de uma dança popular tradicional do município sertanejo paraibano de Triunfo, o xaxado. E assim, compreendê-lo na atualidade, através de releituras e do estudo de seus aspectos no contexto histórico e social dos estudantes da educação básica em meio a um processo de criação artística na escola, com e a partir dessa dança popular, para elaboração de uma proposta pedagógica reflexiva, crítica e criativa. Dentro De uma linha de pesquisa em processos de ensino, aprendizagem e criação em artes, esse projeto surge como uma possibilidade de investigar a relação entre as práticas formativas com as linguagens artísticas, concentrando estudos que aproximem também as práticas artísticas dos processos de ensino.

Palavras-Chave: Arte, Educação, Dança, Popular, Xaxado.



INTRODUÇÃO

O xaxado é uma dança comumente encontrada no sertão nordestino, muito intensamente em uma zona interestadual que engloba comunidades do Ceará, da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. Observa-se o xaxado com forte vigor nas atividades culturais de locais por onde teriam passado grupos de cangaceiros, alguns desses grupos chefiados por Virgulino Ferreira, o Lampião, o maior nome do movimento armado nordestino da República Velha brasileira, conhecido como cangaço, o que nos permite relacionar facilmente essa dança com esse movimento paramilitar e a perpetuação dela, geração-pós-geração, como uma forma de lembrar este acontecimento. Em algumas dessas comunidades, pequenas e distantes dos grandes centros urbanos, o assalto dos cangaceiros foi o seu maior e mais importante acontecimento histórico local.

Em Triunfo – Paraíba, cidade sertaneja de quase dez mil habitantes, localizada a quinhentos quilômetros da capital João Pessoa, ataques de cangaceiros ocupam lugar de destaque em sua historicidade. Na escola e em outros ambientes educativos da cidade há uma necessidade de “produzir xaxado”, bem como uma preocupação como isso é feito. À frente da disciplina de Arte e das oficinas e projetos que contemplam criações em xaxado sempre deve ter alguém que tenha bastante experiência com esta dança.

O trabalho pedagógico com o xaxado na escola trouxe questionamentos e reflexões importantes para mim, professor de Artes da Escola José Adriano de Andrade. A forma mecânica do ensino do xaxado, a forma reprodutória, o ensino pelo ensino, a coreografia pela coreografia nas montagens de espetáculos de dança na escola têm sido motivo de incômodo para mim como profissional da educação. E percebo que meu trabalho artístico muitas vezes resulta em criações com coreografias previsíveis, utilizando sempre os mesmos elementos básicos da dança, os padrões, as técnicas, não sendo suficientes para a apreensão da contextualização histórica e social da dança popular que eu desejaria despertar nos estudantes e que poderia ser muito significativa para suas vidas.

E assim me lanço numa pesquisa histórico-artística através do mestrado em artes pela Universidade Federal da Paraíba para refletir melhor sobre processos de ensino e aprendizagem em dança popular que possam trazer significações e ressignificações para os alunos dançantes, podendo trazer uma contribuição significativa sobre como trabalhar o popular em ambientes socioeducativos.

Com a pesquisa proposta neste projeto pretendo fazer um percurso histórico e conceitual sobre “o popular”, a partir de estudos com enfoque em cultura, tradição, folclore, identidade, memória coletiva, dança e educação popular para situar o xaxado nesses aspectos. Pretendo,



paralelamente, elaborar uma proposta prática de criação artística para promover a reflexão sobre as ressignificações desse “popular” no ambiente educativo, afim também de refletir o contexto com o ambiente social em que está inserido. Algumas reflexões permearão a pesquisa conduzidas por questionamentos tais como: Até que ponto o xaxado enquanto cultura tradicional e dança popular pode ser transformado? E nesse sentido, na indumentária, na música e na dança, o que pode ou não mudar? E na escola? Seria possível criar algo com os alunos sem que essa criação se dê nos estereótipos e nas normas ditadas pelos grupos folclóricos? Como pode se dar um processo criativo em dança por meio de uma dança popular, tradicional?

Objetivando compreender as significações do xaxado na atualidade, suas leituras, releituras e seus aspectos no contexto histórico e social dos estudantes em meio a um processo de criação artística na escola, pretendo elaborar uma proposta pedagógica reflexiva, crítica e criativa, a partir da identificação de aspectos da memória coletiva acerca da relação do xaxado com o cangaço, pesquisando os aspectos históricos que introduziram e estabeleceram o xaxado como uma tradição cultural e popular na região e no município sertanejo de Triunfo – Paraíba. E dessa forma, abrir caminhos para discussões sobre novas percepções a respeito de dança popular com os alunos participantes de um processo criativo em dança.

“O xaxado passou de uma dança de guerra e de entretenimento do grupo de Lampião para ser um espetáculo artístico” (PERICÁS, 2010). No nordeste brasileiro o xaxado é produzido por vários grupos, alguns atuam especificamente com essa dança, uns com notoriedade apenas local, outros conhecidos no país inteiro e até mesmo internacionalmente. Cada um com suas apropriações e estilizações. Muitos seguindo um estilo técnico, comum, básico, ditado pelos grupos maiores que atuam como referência e autoridade para ditar o que pode e o que não pode, a exemplo do Grupo Cabras de Lampião, de Serra Talhada – Pernambuco, que constitui-se numa grande referência no estudo não só do xaxado como tradição popular, como também da sua relação com a história do cangaço e da liderança e representatividade que teve a figura de Lampião, nesse sentido (SOUZA, 2006).

Em Triunfo – Paraíba, o xaxado é tradicional. Está presente em quase toda atividade cultural das escolas e dos serviços de assistência social. Nas festas juninas suas apresentações são muito comuns. Alguns espetáculos concebidos por grupos locais já representaram a cidade em grandes festivais folclóricos e culturais, nacionais e internacionais, em várias cidades do país. Nas escolas, os professores de Arte, de Dança ou de Educação Física desdobram-se para dar cabo de apresentações de xaxado que “precisam” acontecer em algum momento do ano. Muitas vezes como



parte de ementas institucionais que indicam a valorização das especificidades da cultura local, baseadas na LDBEN 9394/96 que diz que:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

E quando se pensa em cultura local, nesta cidade, pensa-se em muitas outras coisas que são também pertencentes a esse universo, mas pensa-se muito no xaxado. Neste município, portanto, o xaxado é cultura e é exigido nas atividades artísticas escolares.

Este projeto de pesquisa justifica-se na necessidade de compreender de forma crítica o xaxado como sendo parte da cultura tradicional de uma comunidade, no caso, o município triunfense. Justifica-se também em compreender suas significações e sua importância para a memória coletiva, uma vez que o xaxado está relacionado com o cangaço e a comunidade está mergulhada em histórias sobre cangaceiros, ataques e acontecimentos envolvendo a figura de Lampião no lugar. E, por último, o xaxado no contexto socioeducativo: nesta engrenagem multifacetada do que se considera “popular” é preciso refletir sobre como pode acontecer a ressignificação dessa dança pelos alunos dentro e fora da sala de aula, quais leituras e releituras podem estar fazendo dentro de um processo de criação de um espetáculo de dança concebido a partir do xaxado.

METODOLOGIA

Assumindo que arte é referência, experiência e criação, assume-se que o pesquisador em arte é um criador. A pesquisa criativa parte da experiência do pesquisador no mundo. Razão e emoção estão relacionados, pois toda decisão racional necessita de estímulos corporais e de experimentação anterior (HISSA, 2012).

O caminho para o qual busca-se atingir os objetivos deste projeto de pesquisa passa pela realização de procedimentos teóricos e práticos. Os dois procedimentos estão discriminados abaixo:



Procedimentos Teóricos

Presente em todo o momento da pesquisa, desde a construção deste projeto até a finalização dele, o aprofundamento teórico será fundamental para enriquecer o trabalho prático e para proporcionar uma abertura pessoal maior para compreensão de fenômenos sociais, culturais, antropológicos, psicológicos, mas principalmente artísticos e educacionais, que passam por todos os outros fenômenos citados anteriormente. As principais leituras girarão em torno do estudo dos seguintes termos:

- Cultura, Cultura Tradicional, Identidade Cultural;
- Folclore, Parafolclore, Popular;
- Memória Coletiva, Contexto;
- Ressignificação, Releitura;
- Processo Criativo, Experiência Artística;
- Dança, Dança Popular, Ensino de Dança, Dança na Escola
- Xaxado, Cangaço, Lampião

Os pontos de vistas e as considerações de grandes estudiosos para compreensão dos termos elencados acima serão absolutamente importantes e necessários para entender a dinâmica de ressignificação do popular no ambiente socioeducativo de aprendizagem em Arte/Dança, entre eles estão os apontamentos de Isabel Marques sobre dança no contexto e Nestor Garcia Canclini e sua obra sobre hibridação das culturas.

Procedimentos Práticos

No campo prático, após e durante o embasamento teórico, serão realizados procedimentos de pesquisa de campo, interlocução e de criação artística, através do processo de criação de um espetáculo de xaxado. Abaixo, a descrição de como isso se efetivará:

Pesquisa de Campo e Interlocução

Esta fase da pesquisa se dará em dois eixos. No primeiro, serão feitos contatos com artistas, produtores, corógrafos e agentes culturais ligados ao trabalho com o xaxado para obter informações sobre suas experiências artísticas, processos criativos e entendimentos históricos e pessoais sobre esta dança. O objetivo aqui é perceber semelhanças e diferenças nas concepções sobre o xaxado em grupos distintos, preferencialmente de estados distintos, para promover a reflexão sobre suas



realidades e a realidade do xaxado cultuado na comunidade em que se fará o processo de criação do espetáculo e dessa forma promover releituras e expandir o conhecimento. Os grupos de dança, que a priori serão procurados, serão os seguintes:

- Ceará: Grupo Maria Bonita (Umari)
- Paraíba: Grupo Pisada do Sertão (Poço de José de Moura) e Grupo Cangaceiros do Sertão (Joca Claudino);
- Pernambuco: Grupo Cabras de Lampião (Serra Talhada);
- Rio Grande do Norte: Grupo Bando de Lampião (Touros)

No segundo eixo dessa fase da pesquisa serão procuradas fontes documentais e serão valorizados relatos orais sobre as relações entre Lampião, o cangaço e o xaxado. Esse eixo é fundamental para a compreensão dessa relação entre cangaço e xaxado. O objetivo mais importante aqui é encontrar informações sobre como o xaxado foi introduzido e estabelecido como uma tradição cultural e popular na região e no município sertanejo de Triunfo – Paraíba.

Criação Artística

O trabalho de criação artística, que implicará na produção de um espetáculo concebido a partir da ressignificação do xaxado com alunos da Escola Municipal José Adriano de Andrade, será desenvolvido com turmas do oitavo e nono ano durante o primeiro semestre de 2017, nas aulas de Arte e na sala de multimeios da escola. Um processo criativo será construído tendo a participação efetiva deles, dessa vez convocados a serem também agentes criadores, críticos e reflexivos. Os alunos dessas turmas, que geralmente têm entre treze e dezessete anos, serão conduzidos a uma reflexão sobre de que forma podemos estar recriando o xaxado, através da recuperação histórica dele no contexto social e em todas as leituras possíveis de como ele se construiu enquanto dança e enquanto cultura pertencente à localidade e de como ele pode ser reconfigurado, relido, ressignificado.

Durante o semestre letivo em que se dará o processo criativo, as aulas de Arte se tornarão oficinas, oportunidade em que serão colocadas em evidência e de forma processual os seguintes pontos:

- A história do xaxado do geral para o local, sua relação com o cangaço e sua importância para a cultura tradicional da cidade;
- As técnicas do xaxado, passos, figurinos e modelos coreográficos numa reflexão sobre normas de festivais;



- A reflexão sobre o xaxado comumente exibido na cidade e sobre os aspectos pré-estabelecidos e doutrinários no processo de concepção de coreografia com xaxado;
- A busca por novos sentidos atrelados à dança e reflexão sobre alternativas à doutrinação de tradição popular;
- A elaboração de um espetáculo de xaxado com base na releitura do xaxado comum e tradicional;
- A reflexão sobre todo o processo de criação, as apresentações e a recepção do espetáculo previsto para ser apresentado no tradicional ciclo de festividades juninas da cidade.

Para efeito de construção de uma escrita acadêmica sobre o processo de criação artística do xaxado na escola, as aulas-oficinas serão inteiramente registradas em diário de bordo específico para isso, como também serão filmados os alunos em momentos de arguição, criação e apresentação (filmados serão somente aqueles que os pais autorizarem por escrito).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola é o lugar do encontro da diversidade. Múltiplas vozes, faces, corpos e sentidos se conectam neste espaço que, por excelência, é o espaço da vivência, onde significações, saberes e modelos são construídos a todo momento e, muitas vezes, em forma de reprodução nas salas de aulas. Em se tratando das salas de aulas de dança, Isabel Marques (2010) indica que o processo de ensino e aprendizagem dimensionado na reprodução, na cópia, na execução silenciada, ainda está presente em muitas destas salas em nossos país. Uma pura representação de um sistema de ensino baseado em propostas pedagógicas que ainda valoriza de forma muito incipiente o contexto e a especificidade de cada lugar, de cada estudante.

Tarefa difícil é levar em consideração as especificidades de cultura e de tradição popular nas aulas de dança sem excluir a necessidade de uma reflexão sobre o processo criativo em si. Nestor Garcia Canclini (1998) atenta para o fato de que as culturas populares não estão isoladas dos agentes modernos, em espaços próprios. Em países de dimensão continental como o Brasil é questionável o parâmetro que deve ser usado para estabelecer uma identidade genuinamente brasileira, quando ela pode ter aportes africanos, europeus ou indígenas, só para citar os mais prováveis. As relações sociais que absorvem as culturas populares estão presentes nos corpos dos alunos que dançam e que precisam refleti-las em seu contexto.



A proposta metodológica da Dança no Contexto tem como conceito aglutinador primordial que as relações pessoa-dança, atravessadas pelas relações sociais, sejam implicitamente discutidas, desconstruídas e reconstruídas nos processos de ensino e aprendizagem. Proponho que os contextos sociais sejam compreendidos, desvelados e eventualmente transformados pelas próprias vivências de produção, apreciação e contextualização dos trabalhos artísticos. (MARQUES, 2010, p. 176)

Se de um lado temos Canclini (1998) argumentando que o popular é aquele que sempre foi visto na história como o excluído, o que não tem patrimônio, o que é “incapaz” de ler e olhar a alta cultura porque desconheceria a história dos saberes e estilos, Lucio Sanfilippo (2011) afirma que as culturas populares legitimam a história e o conhecimento de um povo e elas “revelam e desvelam segredos do passado e presente, da história recente e remota”.

O xaxado é compreendido por algumas comunidades como parte da cultura tradicional. Esse termo atribui-se ao xaxado aqui porque, segundo Martha Blache (apud CANCLINI, 1998, p. 219) uma cultura tradicional está baseada em experiências prévias sobre a maneira como um grupo tem de dar respostas e vincular-se ao seu contexto histórico e social, o que seria o caso de comunidades em que o xaxado reforça a memória coletiva acerca do cangaço como uma experiência marcante em sua historicidade. Logo, está predisposto a ressignificações, porque os sentidos que compõem essa manifestação rompem-se a todo instante, são restabelecidos, abertos, sensíveis a mudanças e as relações cotidianas são ressignificadas em nossas vivências em sociedade. (MARQUES, 2010).

O popular pode não se revestir de saberes e estilos cultos, mas apodera-se da apreensão de sua história e tenta, em meio ao multiculturalismo, preservá-la, mantê-la viva em suas tradições. É o que Jacques Le Goff (1990) chama de memória coletiva e a defende como sendo uma forma de constituir o vivido, “uma relação nunca acabada entre o passado e o presente”.

De qualquer forma, um processo criativo em dança precisa promover reflexões sobre esses e outros aspectos pertencentes à teia de relações sociais em que o dançante/aluno está inserido. E se o processo criativo gira em torno da releitura de uma dança popular na escola essas reflexões precisam adentrar mais especificamente na esfera desse universo cultural, popular, folclórico. E o xaxado, objeto de estudo e temática geradora de um processo criativo na escola, configura-se em meio a esse universo.

Eloisa Domenici (2009), em seu artigo “A pesquisa das danças populares brasileiras: questões epistemológicas para as artes cênicas”, faz um comentário importante sobre o que realmente seria a dança popular: “uma extensa rede de movimentos e metáforas produzidas pelo exercício coletivo de significação de uma brincadeira”. Endossa, assim, a necessidade de aceitarmos



a dança popular como projeção de cruzamentos sociais e históricos, cobertos de significações e sentidos, que devem ser instigados, lidos e relidos.

As leituras de danças populares sendo múltiplas são passíveis de serem ressignificadas. E “para que possamos ler a dança como manifestação artística é interessante, portanto, que nos perguntemos: quem dança? Onde dança?” (MARQUES, 20106). Porque são justamente através de questionamentos de quem, onde, o quê, como e por que cada dança é dançada que podemos compreender como foram feitos os cruzamentos sociais de determinada manifestação artística e permitir a reflexão como base em suas respostas.

“Mas o que já não se pode dizer é que a tendência da modernização é simplesmente provocar o desaparecimento das culturas tradicionais. O problema não se reduz, então, a conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade”. (CANCLINI, 1998, p. 218)

O aluno é um ser social, um ser dançante membro de uma comunidade que exalta uma tradição popular, com finalidades diversas, talvez a de perpetuar uma lembrança, talvez a de tentar construir uma identidade sociopolítica. Mas esse aluno é um ser em potencial construção, que deve ser convidado a fazer parte de todo o processo de criação artística, do qual participará não mais como um mero reproduzidor mecânico de passos, e sim, como um agente de investigação de si mesmo, de sua história e de seus sentidos. É o que se quer de resultado: aluno e escola pensando as significações e as ressignificações do xaxado em suas vidas. Pensando suas próprias transformações.

CONCLUSÃO

Triunfo situa-se no sertão da Paraíba, a quase quinhentos quilômetros da capital João Pessoa. Com um trajeto histórico permeado por lutas, comprovou-se recentemente que o lugar, em 1824, foi palco de umas das batalhas da Confederação do Equador, onde teriam morrido cento e oitenta homens que faziam parte desse movimento emancipacionista e cinco que compunham o exército imperialista (ANDRADE, 2006). Há, no município, muitos relatos de desavenças familiares que custaram a vida de algumas pessoas por motivações passionais e políticas. Também permeia a história local a invasão e resistência de uma comunidade composta por quarenta negros remanescente de uma comunidade quilombola de Pombal, que havia se desintegrado por conflitos internos na década de 50. A cultura religiosa católica, por sua vez, também é bastante forte: o local onde hoje se encontra a cidade teria sido protegida de uma epidemia de cólera por conta de uma



promessa de um beato em arrecadar fundos para construir a atual Igreja do Menino Deus, hoje sede da paróquia, objeto de peregrinação e local de uma das mais tradicionais festas de padroeiro da região, no mês de dezembro.

Todavia, um dos acontecimentos mais importantes da história local foram os ataques sucessivos de cangaceiros à região, em territórios que hoje ou são parte da zona rural, como é o caso de Barra do Juá, o vilarejo triunfense que mais sofreu com os assaltos e que mais tem histórias a contar sobre isso, ou integram municípios vizinhos cujos territórios antes triunfenses migraram para eles depois de suas emancipações políticas.

Para cada um desses acontecimentos de sua história a sociedade triunfense buscou formas de cuidar para que eles não caíssem no esquecimento, de ser algo sempre presente na vida das pessoas, de lembrar através de monumentos públicos em praças, museus e manifestações artísticas anuais e tradicionais, como as apresentações da banda cabaçal, integrada somente por homens negros, a maioria descendente direta dos primeiros quarentas que chegaram à localidade na década de 50.

O xaxado na cidade também ocupa lugar de representação da memória coletiva. A dança que faz referência ao cangaço e ao bando de Lampião é fortemente difundida nos ambientes socioeducativos da comunidade, compreendidos aqui como os centros de serviços e de assistência social, a sede de uma associação cultural local e as próprias escolas.

Os padrões de movimento que o caracterizam são fortemente trabalhados nas escolas, nas associações culturais, nos serviços de assistência social e em muitos projetos desenvolvidos por agentes artísticos e culturais. Presente nas aulas e na vida de quem o dança, está a todo momento suscetível a ser transformado, mas sua transformação esbarra em padrões e a criação em torno dele se dá geralmente da forma como se espera, trazendo sempre pouca ou nenhuma novidade para o público, que mesmo assim aprecia, admira e aplaude, quando executado da forma que tem de ser. E quem recebe a tarefa de trabalhar o xaxado com crianças, adolescentes e jovens muitas vezes se defronta com a tarefa de trazer algo novo. Mas esse “algo novo” tem que ser uma proposta cênica que seja “aceitável”, sem ser a mesmice do xaxado conhecido por todos, mas sem ser algo profundamente novo que rompa as barreiras do que define e caracteriza o xaxado: roupas, músicas, passos.

Espera-se que, com esse trabalho desenvolvido na escola, os alunos envolvidos possam adentrar a uma experiência nova de criação e que os resultados dessa experiência possam trazer significações para suas vidas. E esse é um grande potencial da arte, bem como um grande potencial da dança: agregar às vidas pessoais sentido e valor (MARQUES, 2007).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Maria. O corpo em movimento no Cavalo Marinho. p. 123-156 In: **Viva Pareia! Corpo, dança e brincadeira no Cavalo Marinho de Pernambuco**. Ed. Universitária UFPE, 2013

ANDRADE, Antonio Aurélio Cassiano de. **O Triunfo da Confederação do Equador**. João Pessoa: UFPB, 2006.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <www.mec.gov.br> Acesso em 17 de maio de 2016.

CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (Org.). **Antropologia da Dança I**. Florianópolis: Insular, 2013

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHO, R. de. **Lampião e a sociologia do cangaço**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro Ltda, 1977.

DOMENICI, Eloisa. Leite. **A Pesquisa das Danças Populares Brasileiras: questões epistemológicas para as artes cênicas**. *Cadernos GIPE-CIT*, ano 12, n. 23, p.07-17, 2009.

FONTE FILHO, C. da. **Espetáculos populares de Pernambuco**. Recife: Bagaço, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

HOBSBAWM, Eric. e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **História do cangaço**. 5 ed. São Paulo: Global, 1997.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo, Cortez 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Coleção Repertórios. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. 1. ed. São Paulo: Digitexto, 2010.

_____. **Dançando na escola**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros**. Ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística**. São Paulo: Ed. Annablume, 1998.

SANFILIPPO, Lucio. **Interdisciplinando a cultura na escola com o Jongo**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

SILVA, Renata de Lima; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Corpopular: Intersecções Culturais**. Goiânia:Ed. PUC Goiás, 2013.

SOUZA, Anildomá Willans. **Lampião: nem herói, nem bandido... A história**. Serra Talhada - Pernambuco: GDM, 2006.

VICENTE, Ana Valéria. **Entre a ponta de pé e o calcanhar**. Recife: Associação Reviva/ UFPE, 2009.